

**CAROLINA GERLACH MARTINS  
MIRIANE FERNANDES MACHADO  
PHYLLIS RÜDIGER SCHEIDT  
Acadêmicas do Curso de Pedagogia  
Centro de Ciência da Educação  
Universidade Federal de Santa Catarina**

**COMO A BRINCADEIRA ACONTECE DENTRO E FORA DA ROTINA**

**Florianópolis, dezembro de 2004**

**CAROLINA GERLACH MARTINS  
MIRIANE FERNANDES MACHADO  
PHYLLIS RÜDIGER SCHEIDT  
Acadêmicas do Curso de Pedagogia  
Centro de Ciência da Educação  
Universidade Federal de Santa Catarina**

**COMO A BRINCADEIRA ACONTECE DENTRO E FORA DA ROTINA**

**Artigo final referente ao Estágio Supervisionado em Educação Infantil II, realizado na Creche Municipal Waldemar da Silva Filho, sob orientação das professoras Ângela Maria Scalabrin Coutinho, Eloísa Acires Candal Rocha e Josiana Piccolli.**

**Florianópolis, dezembro de 2004**

## COMO A BRINCADEIRA ACONTECE DENTRO E FORA DA ROTINA

Carolina Gerlach Martins\*

Miriane Fernandes Machado\*

Phyllis Rüdiger Scheidt\*

### RESUMO

Este artigo apresenta parte das reflexões que resultaram das experiências e estudos realizados durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil do curso de Graduação em Pedagogia. Tomando como base os registros diários deste período do estágio, pretendemos apresentar aqui os aspectos mais relevantes, tendo como foco a criança e suas diversas manifestações nas relações estabelecidas na instituição de educação infantil. O objetivo deste estágio foi o de deixar de lado aquele caráter prescritivo das práticas de educação e cuidado, para se transformar num momento de investigação e reflexão dos jeitos de ser da criança, manifestadas através de suas interações, linguagens e brincadeiras. Este processo permitiu demonstrar a rotina inerente à creche e, apesar disso, a perseverança dos professores em driblá-la com passeios e permissividade oferecida às crianças nas escolhas das brincadeiras, que variavam dentro e fora da rotina. Constatou-se ainda a importância da documentação no sentido de registrar as manifestações das crianças, que só conseguem ganhar visibilidade a partir do registro da professora.

Palavras-chave: Criança. Brincadeira. Documentação pedagógica. Educação Infantil.

---

\* Acadêmicas da 8ª fase do Curso de Graduação em Pedagogia / UFSC

O caráter do nosso estágio tem como foco a criança, deixando de lado aquele caráter prescritivo das práticas de educação e cuidado, para se transformar num momento de investigação e reflexão dos jeitos de ser da criança. Buscamos o texto “Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: Reflexões sobre o estágio na educação infantil”, onde destacamos:

*“ Esse outro olhar que estamos nos propondo construir exige a compreensão de que as crianças à sua moda compreendem o mundo que as cerca. Portanto, são sujeitos completos em si mesmos, que pensam, se expressam criativamente e criticamente sobre o espaço institucional onde são educadas e cuidadas. São sujeitos conscientes de sua condição e situação e se expressam de múltiplas formas.” (Cersara, et al, 2002)*

Antes de iniciarmos nosso estágio na turma do segundo período da Creche Waldemar da Silva Filho, participamos de uma reunião com as professoras da turma, juntamente com nossa professora/orientadora do estágio. Nesta reunião, Christine e Maria nos falaram um pouco da turma, enfatizando a relação das crianças com as mesmas e com o Cezar, que usa cadeira de rodas e possui paralisia cerebral.

Ao entrarmos na sala, as crianças estavam em roda com as professoras, que nos convidaram a fazer parte da mesma e nos apresentaram. Após quase dois meses de estágio, com frequência de três dias semanais, registramos acontecimentos referentes à rotina, brincadeiras, relação professor X criança, criança X criança, enfim, diversas interações, linguagens e brincadeiras. Conseguimos perceber ao longo dos registros que a hora da roda após o lanche da tarde fazia parte da rotina diária daquela turma. Rosa Batista nos diz que:

*“A rotina separa o tempo de educar do tempo de cuidar, do tempo de brincar, do tempo de aprender, do tempo de ensinar, e de outros tempos. O tempo parece ser recortado minuciosamente: há um tempo pré-determinado para “todos”; comer na mesma hora, banhar na mesma hora, dormir na mesma hora, brincar na mesma hora, fazer a atividade na mesma hora, ouvir histórias na mesma hora. Parece ser possível dizer que essa organização, antes de estar centrada nas necessidades das crianças, obedece a uma lógica temporal rígida basicamente pela sequenciação hierárquica e burocrática da rotina”.(p.32)*

O cotidiano da sala do segundo período nos fez perceber uma intenção por parte das professoras ao permitirem a livre escolhas das crianças quanto ao que gostariam de fazer durante a tarde. Nos remetemos a Barbosa e Horn quando dizem que:

*“É importante que o educador observe do que as crianças brincam, como estas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção e em que*

*momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Conseguir apurar essas dimensões da vida no grupo das crianças garante que as atividades realizadas diariamente não se transformem numa monótona seqüência de atividades, que nada tem a ver com o grupo de crianças, com o qual interagimos diariamente. Esta forma de organizar o trabalho devem possibilitar o envolvimento das crianças nesta construção, que terá dimensões diferentes se tomarmos como referencia a idade das mesmas. Nas maiores é possível dialogar e compartilhar combinações”.(p.57)*

Durante a hora da roda as atividades eram propostas, onde professoras e crianças discutiam o que fariam naquela tarde. A vontade das crianças definia o que seria realizado no dia. Em nossas proposições procuramos dar continuidade a essa relação, onde as opiniões das crianças possuem papel fundamental de decisão. Nos remetemos a Barbosa e Horn quando dizem:

*“A idéia central é que as atividades planejadas diariamente devem contar com a participação ativa das crianças garantindo às mesmas a construção das noções de tempo e de espaço, possibilitando-lhe a compreensão do modo como as situações sociais são organizadas e, sobretudo, permitindo ricas e variadas interações sociais”. (p.57)*

Observamos também a tentativa por parte das professoras para sair um pouco da rotina da instituição. Acompanhamos alguns passeios, mas outros também foram realizados em dias que não estávamos na creche.

*“... Maria busca as frutas no refeitório para as crianças comerem na sala...”*

*“...Cris dá a idéia de irmos para a biblioteca, faz uma votação, mas todas as crianças presentes disseram não...” (Registro de campo – Phyllis)*

Ao observarmos algumas tardes com as crianças fora da instituição, percebemos que as brincadeiras se diferenciam dos momentos no parque ou na sala de atividades. Outros espaços possibilitados a partir de passeios fora da instituição sugerem reações e brincadeiras diferentes como num passeio que realizamos a Gruta Nossa Senhora de Lurdes, localizada ao lado da instituição. Como nos demonstra o registro abaixo:

*“Miriane chega na gruta com os salgadinhos e vai até a creche pegar as crianças. Por volta das 14:30 as crianças juntamente com a Miriane, a Maria e a Cris chegam. Sentamos ao redor da toalha azul e iniciamos nosso piquenique. Maria nos conta que algumas crianças perguntaram a ela por que elas iriam à gruta antes de lanchar... Elas não sabiam da nossa surpresa! Comem bolo, salgadinhos, tomam refrigerantes, é um misto de risos, gritos, sustos, expressões demonstrando prazer e alegria com a novidade. Roger acaba de comer e*

*sai correndo pelo espaço gramado, se dirigindo à gruta de pedra, perto de onde estão escondidas as guloseimas, juntamente com as dobraduras feitas ontem pelas crianças. De repente...*

*\_ Professora, olha o que eu achei!!! Os nossos cachorros estão todos aqui!!! (...) OLHA, TEM UM MONTE DE BALA TAMBÉM!!! Diz Roger. David corre em direção a Roger e outras crianças, ouvindo-o falar, seguem David. Cada um procura seu cachorro e, conseqüentemente, seu saco com guloseimas". (Registro de campo – Carolina)*

Os registros escritos nos ajudam a perceber como as crianças se organizam nas brincadeiras, a forma como elas dão início, como mudam no próprio desenrolar, dando outros encaminhamentos, as estratégias / saídas que utilizam, como por exemplo, a fala de David ao ser questionado por Joice ao dizer que o garoto tem mais cartas que ela, criando assim, regras a seu favor, para sua satisfação.

*"David pega uma 'pochete' de primeiros socorros cheia de cartas do Jogo "Yu-Gi-Oh!". Pega as cartas, senta-se no chão com as pernas abertas e começa a separar as cartas em dois bolsos. Dá um bolo a Joice que senta na frente dele, com as pernas cruzadas.*

*David coloca as cartas viradas para baixo e Joice o imita. Após, pega uma carta, olha para mim e diz:*

*- É a carta 'Casulo', essa carta dá força! – E entrega a carta à Filipe, que senta perto da dupla.*

*Filipe pergunta a David:*

*- Posso jogar com a Joice?*

*- Pode. Diz David a Filipe.*

*David separa o monte de Joice em dois, dando um para Joice e outro para Filipe, que ao ver os montes, compara com o monte de David e diz:*

*- Pôxa, tu tens um monte! Diz para David, que responde:*

*- Claro, é pra jogar dois contra um.*

*David começa a cantar:*

*- É hora do duelo!! E joga no chão uma carta "Yu-Gi-Oh!".*

*Felipe então tenta virar para cima uma carta que está no centro do círculo formado entre Joice, David e Felipe, quando David diz em voz alta:*

*- Não pode virar!!!*

*Filipe diz a Joice:*

*- Vamos atacar, Joice!!!*

*Joice presta atenção nos dois meninos e olha as cartas dela, tentando imitar o que David faz.*

*Luana acorda e senta ao lado de Joice para vê-los jogar. Joice lhe dá um abraço e dá suas cartas a Filipe.*

*David diz:*

*- Tem 26 pontos.*

*(...)*

*Luana vai até a mochila, pega uma corda e começa a pular. Para frente, depois de traz para frente, com um pé só, com os dois pés encostando juntos no chão...*

*João deita no chão e David com seu monte de cartas na mão, deita na barriga de João e diz:*

*\_ Eu sou um bom duelador!!!” (Registro de campo – Carolina)*

Estas manifestações infantis só podem ser percebidas a partir do registro. A documentação se torna um meio efetivo de se mostrar detalhes que acontecem em ambientes educativos – neste caso, na Educação Infantil – como falas, gestos, enfim, as múltiplas linguagens demonstradas nos movimentos das crianças.

Entretanto, há diferença entre ‘observar uma criança’ e ‘fazer uma observação pedagógica a respeito de uma criança’. Para Dahlberg, Moss & Pence, a observação pedagógica refere-se a um processo e a um conteúdo, que pode ser feito de várias formas, como observações manuscritas do que é dito e feito, registros em áudio e vídeo, fotografias, etc. Sabendo que “quando você documenta, você constrói uma relação entre você mesmo como pedagogo e a criança/crianças, cujo pensamento, cujas palavras e cujas ações você documenta” (Dahlberg, Moss & Pence, 2003)

Podemos dizer que a documentação não pode ser considerada um registro totalmente verdadeiro, pois quem documenta, escolhe uma ou outra cena e essa escolha é pessoal, isto é, nossos registros são focados em determinadas cenas que consideramos importantes ou, por outro lado, deixamos de registrar cenas que, ao nosso ver, não nos chama a atenção. Tendo consciência disto, precisamos refletir sobre nossos registros, pois possuímos nossas opiniões baseadas no sistema dominante existente.

As observações e os registros fotográfico permitiram perceber que o espaço do salão da instituição era um lugar pouco utilizado pelas crianças. Assim, nos dias que permanecemos na creche, propusemos brincadeiras e, pelo registro fotográfico notamos como as crianças exploravam aquele lugar.



Estas situações permitiram também observar e refletir sobre a participação das professoras nas brincadeiras e nos momentos realizados por nós. Acreditamos que em muitos nos ajudou para nossa formação na área. Enquanto algumas crianças optaram por brincar de corda conosco, outras brincavam nos brinquedos do salão ou apenas assistiam.



Em uma situação de brincadeira observada no parque podemos perceber o quanto a situação imaginária está presente nas brincadeiras das crianças.

*“Joice brinca com algumas louças em cima do banco, que fica embaixo da árvore. Enche a caneca, o bule, a panela e os pratinhos de areia. Pergunto a ela o que está fazendo, e ela responde:*

*- Tô enchendo tudo para comer.*

*Pergunto a ela quem é a menina que está a seu lado, e ela diz:*

*- É a minha irmã.*

*Pergunto qual a turma dela, e ela responde:*

*- Não sei.*

*Joice começa a arrancar folhas da árvore. Pergunto por que ela faz isso, e ela responde:*

*- É pra comprar cebola.*

*Fernanda diz:*

*- É dinheiro de mentirinha, a gente faz pra poder comprar.*

*Mariane chega para ajudar Joice a apanhar folha. David se aproxima delas e pega as folhas. Essas correm atrás de David, e este devolve as folhas.*

*Edvandro sobe no banco onde está Mariane e Joice e diz:*

*- Quero pegar meus dólares.*

*Mariane responde:*

*- O dinheiro é nosso, pega outros pra ti.*

*David segura no galho da árvore e diz:*

*- Meus dólares, vou pegar mais dólares”. (Registro de campo- Miriane)*

Na idade pré-escolar, a criança envolve-se em um mundo ilusório e imaginário onde os desejos até então não realizados podem ser realizados, o que chamamos de brinquedo. Neste a criança cria uma situação imaginária.

É interessante dizer que a situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento. Na situação imaginária, as crianças acabam encenando a realidade. Aquilo que na vida real passa despercebido, pela criança torna-se uma regra de comportamento no brinquedo.

Na idade pré-escolar ocorre, pela primeira vez, uma separação entre os campos do *significado* e da *visão*. No brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das idéias e não das coisas. A ação regida por regras começa a ser determinada pelas idéias e não pelos objetos.

No registro citado acima a folha de uma árvore é usada como dinheiro. A criação da situação imaginária é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. Vygotsky diz que “A criança vê um objeto, mas age de maneira

diferente em relação àquilo que ela vê. Assim, é alcançada uma condição em que a criança começa a agir independentemente daquilo que ela vê”.

Destacamos agora uma situação de brincadeira ocorrida na sala, espaço por nós selecionado como dentro da rotina, que permite analisar como a situação imaginária está presente no cotidiano das crianças.

*“Luana pula corda. Vai até David, coloca a corda no pescoço dele e este anda pela sala fingindo ser um cachorro. Luana diz:*

*- Calma cachorrinho, calma...*

*Puxa a corda.*

*David pede para que Luana o amarre no pé da cadeira. Luana o amarra. Depois ele se solta e vai até próximo da janela. Luana coloca comida no prato do cachorro (um carrinho) e diz:*

*- Come aí!*

*David se aproxima do prato e começa a fingir que come. David se solta. Luana segura David e o puxa dizendo:*

*- Vai comer!*

*Davis termina de comer a sua comida e levanta. Os dois vão até o armário e pegam várias canetinhas para desenhar”.* (Registro de campo – Miriane)

Não existe na criança uma brincadeira natural, a brincadeira é um processo de relações interindividuais, ou seja, de cultura. A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar, ela não é inata.

É preciso que haja uma decisão por parte daqueles que brincam de entrar na brincadeira, mas também de construí-la segundo modalidades particulares. Sem livre escolha, ou seja, possibilidade real de decidir, não existe mais brincadeira, mas uma sucessão de comportamentos que têm sua origem fora daquele que brinca. David e Luana decidiram por si mesmos entrar na brincadeira descrita acima. Para Brougère:

*“É possível considerar a brincadeira na medida em que não se origina de nenhuma obrigação senão aquela que é livremente consentida, não parecendo buscar nenhum resultado além do prazer que a atividade proporciona”.*(p. 61)

*“A brincadeira é uma mutação do sentido, da realidade: as coisas aí tornam-se outras. É um espaço à margem da vida comum, que obedece a regras criadas pelas circunstâncias. Os objetos, no caso, podem ser diferentes daquilo que aparentam. Entretanto, os comportamentos são idênticos aos da vida cotidiana”.*(p. 99)

As regras não preexistem à brincadeira, mas são produzidas à medida que se o desenvolve na brincadeira. Uma regra da brincadeira só tem valor se for aceita por aqueles que brincam e só vale durante aquela brincadeira.

Segundo Brougère, a criança não brinca numa ilha deserta. Ela brinca com substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas. Ela brinca com o que tem à mão e com o que tem na cabeça.

As aprendizagens anteriores que a criança tem reforçam a riqueza potencial da brincadeira. A brincadeira traz mais aqueles que tem mais experiência/aprendizado em determinado tipo de brincadeira, o que não é um motivo para que se exclua aqueles que têm menos experiência/aprendizado, ou até mesmo que nunca participaram daquela brincadeira, pelo contrário, é preciso dar iguais possibilidades de participação.

Observando as brincadeiras das crianças, a maneira como elas nos demonstravam isso, sentimos a necessidade de investigar a natureza e a origem social da brincadeira, e sua importância no desenvolvimento infantil.

Vygotsky, em seu livro *A formação social da mente*, entende a brincadeira infantil como uma atividade social da criança, cuja natureza e origem específicas são elementos fundamentais para a construção de sua personalidade e compreensão da realidade na qual se insere.

Ao perceber o modo como as crianças brincam, como estas se comportam, nos aproximamos da concepção da brincadeira como processo e atividade social infantil de crianças histórica e socialmente situadas.

Desde os tempos da educação greco-romana, baseado nas idéias de Platão e Aristóteles, o brinquedo era usado na educação. Associando a idéia estudo ao prazer, Platão acreditava ser, o estudo, ele mesmo, uma forma de brincar.

Para Wajskop, anteriormente, a brincadeira era geralmente considerada como fuga ou recreação e a imagem social da infância não permitia a aceitação de um comportamento infantil, espontâneo, que pudesse significar algum valor em si.

Gisela Wajskop faz um apontamento altamente reflexivo quando nos diz que a valorização da brincadeira infantil apóia-se, no mito da criança portadora de verdade, cujo comportamento verdadeiro e natural, por excelência, é o seu brincar, desprovido de razão e desvinculado do contexto social. Entendemos que o brincar está diretamente vinculada ao contexto social, pois a brincadeira pressupõe uma aprendizagem social, adquirida no contato com a sociedade que a cerca.

É possível ver em nossos registros como as crianças experimentam papéis, imitando as ações dos adultos. Entendemos a brincadeira como uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se em um modo de assimilar e recriar a experiência sócio-cultural dos adultos.

Enquanto profissionais de Educação Infantil, mantemos um constante contato com a criança que, por sua vez, se manifesta através da brincadeira. Daí a importância de registrarmos a brincadeira para entendermos o que as crianças nos indicam em suas manifestações.

Numa concepção sócio-antropológica entende-se que a brincadeira é um fato social, espaço privilegiado de interação infantil e de constituição do sujeito-criança como sujeito humano, produto e produtor de história e cultura.

Nos identificamos com a fala de Gisela Wajskop quando ela diz que:

*“É na situação de brincar que as crianças se podem colocar desafios e questões além de seu comportamento diário, levantando hipóteses na tentativa de compreender os problemas que lhes são propostos pelas pessoas e pela realidade com a qual interagem. Quando brincam, ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, as crianças podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência. Concomitantemente a esse processo, ao reiterarem situações de sua realidade, modificam-nas de acordo com suas necessidades. Ao brincarem, as crianças vão construindo a consciência da realidade, ao mesmo tempo em que já vivem uma possibilidade de modificá-la”. (p. 33)*

Acreditamos que a garantia do espaço da brincadeira na instituição de educação infantil é a garantia de uma possibilidade de educação da criança em uma perspectiva criadora, voluntária e consciente. Nos remetemos a Brougère que diz que a brincadeira:

*“É o lugar da socialização, da administração da relação com outro, da apropriação da cultura, do exercício da decisão e da invenção. Mas tudo isso se faz segundo o ritmo da criança e possui um aspecto aleatório e incerto. Não se pode organizar, a partir da brincadeira, um programa pedagógico preciso. Aquele que brinca pode sempre evitar aquilo que não gosta. Se a liberdade caracteriza as aprendizagens efetuadas na brincadeira, ela produz também a incertude quanto aos resultados. De onde a impossibilidade de assentar de forma precisa as aprendizagens na brincadeira. Este é o paradoxo da brincadeira, espaço de aprendizagem fabuloso e incerto”. (p.104)*

Na turma do segundo Período em que realizamos o estágio percebemos o quanto as crianças eram livres para decidir que atividades queriam fazer e do que queriam brincar, experimentando diversas situações em diferentes momentos. As professoras da turma

respeitavam o ritmo das crianças, as suas superações e limitações, pois a brincadeira pode ser um espaço privilegiado de interação e confronto de diferentes crianças com diferentes pontos de vista.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARBOSA, Maria Carmen Silveira & HORN, Maria da Graça Souza. **Organização do Espaço e do Tempo na Escola Infantil**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 1998.

BATISTA, Rosa. **A Rotina na Educação Infantil**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

BROUGÉRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção Questões da Nossa Época).

DAHLBERG, MOSS & PENCE. **Qualidade na Educação da Primeira Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na Pré-Escola**. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção Questões da Nossa Época).